

UTOPIAS E DISTOPIAS EM A *PARABOLA DO SEMEADOR*, DE OCTAVIA E. BUTLER

Vicente Pedro de Souza (UNEMAT)¹
Ana Claudia Servilha Martins (UNEMAT)²

Resumo

Este estudo tem o objetivo de propor uma leitura da obra *A Parábola do Semeador* (2018), de Octavia E. Butler, sob a perspectiva das histórias literárias voltadas aos estudos da literatura de ficção científica caracterizada pelo gênero da distopia. A presente narrativa de Octavia E. Butler, pertence ao gênero da ficção científica, com forte predominância dos aspectos utópicos/distópicos presentes na literatura moderna. Com base nos aspectos utópicos e distópicos observados na escrita de respectiva autora, encenados pela protagonista obra Lauren Oya Olamina, são apresentadas diversas reflexões sobre o contexto político, social e econômico, assim como os dilemas e as complexidades humanas. Tudo isso é retratado através da narrativa em primeira pessoa, que reproduz um cenário de total destruição dos anseios humanos e da vida em sociedade, onde a principal questão é como sobreviver em um mundo onde a violação dos direitos, a destruição dos ideais, dos sonhos e esperança humana é uma realidade experimentada pelas personagens. Para o desenvolvimento da pesquisa recorreremos aos estudos de Donna J. Haraway (1991), Karl Mannheim (1972), Orlando Fideli (2019), Raul Fiker (1985), bem como, demais análises teórico-críticas situadas nos diálogos que subsidiam o recorte de problematização do trabalho.

Palavras-chave: Literatura; Octavia Butler; Utopia; Distopia.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: vi.pesouza@hotmail.com

² Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Discente no Programa de Estudos Literários nível de Doutorado/PPGEL- UNEMAT, *Campus* Universitário de Tangará da Serra/MT, E-mail: anaclaudiaservilha@gmail.com.

UTOPIAS AND DISTOPIAS IN A PARÁBOLA DO SEMEADOR, BY OCTAVIA E. BUTLER

Abstract

This study aims to propose a reading of the work *A Parable of the Sower* (2018), by Octavia E. Butler, from the perspective of literary stories focused on the studies of science fiction literature characterized by the genre of dystopia. The present narrative by Octavia E. Butler, belongs to the genre of science fiction, with a strong predominance of utopian / dystopian aspects present in modern literature. Based on the utopian and dystopian aspects observed in the writing of the respective author, staged by the protagonist work Lauren Oya Olamina, several reflections on the political, social and economic context are presented, as well as human dilemmas and complexities. All of this is portrayed through the first-person narrative, which reproduces a scenario of total destruction of human desires and life in society, where the main question is how to survive in a world where the violation of rights, the destruction of ideals, dreams and human hope is a reality experienced by the characters. For the development of the research we used the studies of Donna J. Haraway (1991), Karl Mannheim (1972), Orlando Fideli (2019), Raul Fiker (1985), as well as other theoretical and critical analyzes located in the dialogues that support the cut problematizing work.

Keywords: Literature; Octavia Butler; Utopia; Dystopia.

Introdução

Este estudo tem o objetivo de propor uma leitura da obra *A Parábola do Semeador* (2018), de Octavia E. Butler, sob a perspectiva das histórias literárias voltadas aos estudos da literatura de ficção científica caracterizada pelo gênero da distopia. Com base nos aspectos utópicos e distópicos observados na narrativa de Butler, encenados pela protagonista da obra Lauren Oya Olamina, onde são apresentadas diversas reflexões sobre o contexto político, social e econômico, assim como os dilemas e as complexidades humanas.

Esse cenário é retratado através da narrativa em primeira pessoa, que reproduz um cenário de total destruição dos anseios humanos e da vida em sociedade, onde a principal questão é como sobreviver em um mundo onde a violação dos direitos, a destruição dos ideais, dos sonhos e esperança humana é uma realidade experimentada pelas personagens. Os planos e ações do governo são caracterizados por um retrocesso trágico à semelhança dos regimes totalitários. No ínterim, essa análise é pautada na seguinte questão: como os elementos utópicos e distópicos são retratados na obra, na perspectiva da protagonista Lauren Oya Olamina?

Nas palavras do sociólogo e crítico literário Antonio Cândido (1985), a literatura é a “capacidade de confirmar a humanidade do homem”. Desse modo, o viés literário permite reflexões dadas ao homem e suas variantes sociais. A escritora e crítica literária Regina Dalcastagné nos diz que o texto literário:

Se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e da hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 21).

No ínterim, veremos, também, os aspectos utópicos e distópicos na obra como representação das perplexidades vivenciadas pela sociedade norte-americana do final do século XX e início do século XXI; cenários marcados por diversos eventos conforme apontam Tom Moylan et al: (2016), como: perda gradual do emprego; diminuição da renda e conseqüentemente perda de direitos que foram conquistados através de muitas lutas; a falta de moradia e o subemprego crescente; a ocorrência de ataques com

perseguições, espancamentos, estupro de mulheres, agressões físicas e psicológicas contra negros, gays e lésbicas; a educação, assistência médica e segurança sucumbidos pelas políticas desumanas de um governo neoliberal; a destruição do meio ambiente com consequências vistas na camada de ozônio; mudanças climáticas, aumento das chuvas ácidas, envenenamento da terra e águas e a morte de diversas espécies animais e vegetais fundamentais para o equilíbrio ambiental. Tudo isso e muito mais acontece de forma gradual e simultânea contribuindo para a desfiguração da realidade e sucumbindo os direitos de um grande número de cidadãos norte-americanos.

O tipo de distopia presente na obra de Octavia E. Butler é caracterizado pela distopia crítica, aquelas que “inscrevem um espaço para uma nova oposição política fundamentalmente baseada na diferença e na multiplicidade”. (MOYLAN; CAVALCANTE; BENÍCIO, 2016 p.144)

A oposição política apontada por essa distopia é concebida de forma democrática com a participação coletiva na busca por ações que garantam atender às necessidades dos grupos marginalizados. Desta forma, entendemos que a distopia crítica é perfeitamente desenhada na narrativa de Octavia Butler em um cenário distópico, retratado pela protagonista negra, Lauren Oya Olamina. O romance tem uma argúcia que leva o leitor a uma reflexão positiva no sentido de repensar os direitos fundamentais da vida humana.

Os cenários retratados por ela fazem parte das figurações da ficção científica utilizadas nas literaturas distópicas do século XX. Para tanto, organizamos o presente artigo em três partes: a primeira tratará dos conceitos de ficção científica e utopia que são fundamentais para compreendermos as bases que sustentam a distopia, gênero predominante da obra; na segunda, veremos a construção do universo distópico nas obras literárias e suas relações com a história; e na terceira, apresentaremos um estudo do romance selecionado, explorando as relações entre a protagonista da obra com o universo utópico/distópico associado ao universo político, social e econômico do final do século XX e início de século XXI.

Octavia E. Butler foi a primeira autora negra a escrever obras de ficção científica, denominada por diversos críticos como a dama da ficção científica. Nascida em 22 de junho de 1947, na cidade de Pasadena no estado da Califórnia, ainda em tenra idade perdeu o pai, foi criada pela mãe, que trabalhava como empregada doméstica para sustentar a família; quando criança sofria de dislexia e mesmo diante dos problemas enfrentados, a autora persistiu no seu sonho de ser escritora, pois era apaixonada por

histórias. No processo de elaboração, Octavia E. Butler optou por escrever obras de ficção científica, um campo predominantemente dominado pelos homens.

Em 1979, Octavia E. Butler escreveu *Kindred*, romance que lhe rendeu importantes avanços em sua carreira. Nessa obra, a autora retrata uma mulher afro-americana que volta no tempo para salvar um proprietário de escravos branco, que era o seu próprio ancestral.

A obra *A Parábola do Semeador* (1998), foi publicada em 1993, os temas abordados se assemelham em diversos aspectos com os problemas enfrentados pela humanidade nos dias atuais: seus escritos envolvem questões sociais enfrentadas em toda a esfera humana as quais atingem principalmente a classe trabalhadora; sua arte literária também aborda as diversas classes marginalizadas e mantém uma forte crítica à distinção por motivos de raça, cor, sexo e/ou posição econômica.

Confabulando com as utopias e distopias em *A parábola do semeador*, de Octavia e. Butler.

Em *A Parábola do Semeador* (1998), Octavia Butler, fazendo uso de técnicas diegéticas do utópico/distópico, traz uma combinação entre os gêneros com elementos da ficção científica, que resulta numa narrativa romanesca em primeira pessoa que apresenta uma forte crítica aos sistemas de governo; envolvendo os aspectos político, econômico e social na sociedade norte-americana do século XX, pelos olhos da personagem Lauren Oya Olamina: uma garota negra de apenas 15 anos de idade. Lauren, é uma personagem fascinante, que não só protagoniza a trama, mas também participa da criação do enredo através de seus diários. O romance se inicia com os escritos da própria protagonista, denominados *Semente da Terra: os Livros dos Vivos*, onde a mudança constitui um fio de esperança para sobreviver num mundo totalmente condenado pelas catástrofes resultantes das devastações climáticas e da exploração dos recursos naturais e humanos pelas grandes companhias detentoras dos direitos à exploração dessas riquezas; que visa a todo o custo a obtenção dos lucros que sustentam o capitalismo.

Dentre os elementos característicos da utopia desenhados na obra, e que é construído ao longo do romance, a “mudança” é a necessidade mais urgente, como é declarado por Lauren, logo nas primeiras páginas do romance:

Prodígio é em sua essência uma capacidade de adaptação e obsessão positiva e persistente. Sem persistência, o que sobra é um entusiasmo do momento. Sem capacidade de adaptação, o que sobra pode ser canalizado para um fanatismo destrutivo, sem obsessão positiva, não existe absolutamente nada (BUTLER, 2018, p.11).

Para a personagem Lauren, cada um deve ser protagonista da sua própria mudança. Em relação aos diálogos de Tom Moylan *et al* (2016), a utopia trabalha a busca constante de uma mudança radical e que não acontece apenas pelas narrativas e imagens projetadas, mas principalmente através da crítica à liberdade na busca da transformação desejada, que é expressa através de uma insatisfação radical com as políticas vigentes que mantêm uma posição opositiva contra a ordem social.

A personagem Lauren Oya Olamina é uma garota de 14 anos quando a história começa; ela mora em Robledo, na Califórnia, com seu pai, a madrasta e três irmãos; sua casa fica em um condomínio cercado por muros. Os muros de Robledo descritos por Lauren são tão opulentos e assustadores que, para ela, parecem um animal encolhido prestes a atacar, “mais ameaçador do que protetor.” (BUTLER, 2018 p.14)

Na Califórnia de 2024, quando se inicia o enredo, as famílias de classe média, ou seja, as que têm emprego e podem pagar por isso, vivem em condomínios fechados e cercados por muros, o que retrata a falta de liberdade apresentada pelas obras distópicas; os muros que separam os diferentes mundos estampam as diferenças sociais que fazem da obra uma crítica aos moldes adotados pelo sistema capitalista do século XXI: por detrás dos gigantescos muros de Robledo, há também a insegurança de que a qualquer momento tudo pode ruir.

Preocupada com as ações humanas de invasões ao condomínio onde ela mora (roubo, furtos, incêndios e assassinatos), Lauren insiste em discutir o assunto com amigos vizinhos e com o próprio pai que era pastor em uma comunidade em Robledo, porém, o que ela encontrou foi a indiferença por parte daqueles que poderiam contribuir com um plano de ação para minimizar a catástrofe iminente:

— Podemos nos preparar. É o que temos que fazer agora. Precisamos nos preparar para sobreviver a isso, para construir uma vida depois, temos que nos concentrar em conseguir sobreviver para poder fazer mais do que sermos comandados por pessoas loucas, desesperadas, bandidos e líderes que não sabem o que estão fazendo! (BUTLER, 2018, p. 73).

A busca obcecada de Lauren por uma saída para se livrar do inferno iminente narra o medo e as incertezas vividas diante de um cenário econômico, político e social que

assola as nações, onde sobreviver passa a ser a missão mais importante; por isso, ela, sozinha, elabora o seu próprio plano de ação.

Em se tratando de literatura, especificamente as de distopia, *The Machine Stops* (1909) é amplamente reconhecida pelos críticos no início do século XX como a obra que inaugura o gênero; nela, E. M. Foster narra a iminência da falência da máquina. A crescente centralização da própria máquina que impede os seus tripulantes de diagnosticar e consertá-la; conseqüentemente, os problemas que a envolvem e sem a possibilidade de consertar a si mesma, a máquina para.

Na narrativa de Octavia Butler, os muros de Robledo vão abaixo, e como tudo isso já era esperado, Lauren inicia sua saga em busca de sobrevivência diante do caos existente fora dos muros. A semelhança do conto de E. M. Foster: *The Machine Stops* (1909); *A Parábola do Semeador* (1998), está inserido nos mapas distópicos de infernos sociais. A ruptura dos muros, com a saída de Lauren direto para a desordem e caos social, configura os terrores de uma administração governamental que coloca determinadas classes de pessoas em situações onde não é possível encontrar uma saída plausível. Dessa forma, a autora sugere a recusa da utopia e assinala a sua entrada no mundo distópico da obra em que passa a narrar o inferno existente fora dos muros.

Quando os moradores menos esperavam, aconteceu uma invasão no bairro: invasores incendiaram as casas, saquearam e destruíram tudo o que puderam; apenas alguns moradores sobreviveram ao terrível ataque, como sobrevivente dessa terrível destruição Lauren se prepara para o mais importante de tudo que é continuar viva.

Sou um dos moradores de rua agora. Não tão pobre como alguns, mas sem casa, sozinha, cheia de livros e ignorante sobre a realidade. A menos que eu encontre alguém do bairro, não posso confiar em ninguém. Ninguém para me dar apoio. [...] (BUTLER, 2018, p.192)

De agora em diante, ela usará o conhecimento obtido através dos livros para resistir a catástrofe, pois ela acredita no poder da informação como fator primordial à mudança e à evolução do ser. Além dos conhecimentos, ela leva consigo: técnicas de sobrevivência; mapas e uma vasta bagagem que há tempos ela já havia preparado para quando os muros fossem derrubados; dessa forma ela inicia sua jornada com a difícil tarefa de enfrentar o abismo fora dos muros de Robledo, onde realiza a sua própria defesa numa viagem sem destino certo. Octvia E. Butler apresenta em sua obra uma semente de esperança utópica: agora, com toda a sua comunidade destruída, Lauren segue para o

norte, recruta um grupo multirracial e inicia a criação da comunidade Semente da Terra, uma sociedade baseada nos valores da dignidade humana, no respeito às diferenças e no trabalho em equipe, que visa o bem do grupo.

Mesmo diante do inferno distópico vivido por Lauren, ela faz brotar uma possibilidade de sobrevivência, ainda que remota. Lauren agora inicia uma viagem dupla em direção a um norte de reflexões filosóficas onde a utopia e a distopia caminham lado a lado. Para Geen (1994 *apud* MILLER, 1998 p.339), Butler, ao invés de criar utopias nas quais esses problemas já deixaram de existir, demonstra com frequência em sua ficção que eles precisam ainda ser trabalhados, mesmo com tendências humanas perigosas como a violência. A substância utópica nos trabalhos de Butler está entrelaçada ao pensamento distópico, sendo a utopia uma esfera invisível que possibilita visões distópicas. Assim, suas distopias críticas nos levam a trabalhar com o distópico antes de iniciar o esforço para imaginar um mundo melhor. A viagem em direção ao norte feita pela comunidade Semente da Terra, idealizada e liderada por Lauren, constitui uma luta darwiniana para sobreviver.

Ao longo do presente romance, também podemos perceber uma infinidade de elementos característicos da desordem social, como o ódio, assassinatos, os estupros que estão por toda a parte, as ruas cheias de mendigos, prostitutas, assassinos e viciados, além de uma enorme quantidade de negros que são vítimas de um sistema opressivo. Esse cenário caracteriza perfeitamente as narrativas distópicas, descrevendo um modo de vida social que representa uma rejeição da utopia.

Através do personagem Keith, o meio irmão mais novo de Lauren, Octavia Butler apresenta um complexo contraste entre as duas representações, com vista a uma projeção de dois lados opostos que são representados através das várias faces emblemáticas da sua obra, envolvendo aspectos sociológicos presentes na sociedade moderna. Keith é uma espécie de sociopata que, em suas ações isentas de compaixão, representa todos aqueles que veem o outro como um objeto a ser explorado. Ele também representando aqueles indivíduos cuja insensibilidade disseminada pela sociedade dominaram os esforços dos pais para uma boa educação.

Em suas reflexões sobre Keith, a personagem Lauren diz:

Ele era meu irmão, meio-irmão, mas ele também era a pessoa mais sociopática que eu estive perto. Ele teria sido um monstro se tivesse sido autorizado a crescer. Talvez ele já fosse um. Ele nunca se importou com o que fez. Se ele

quisesse fazer alguma coisa, isso não lhe causaria dor física imediata, ele fazia isso e, foda-se a terra (BUTLER, 2018, p.144).

Através da personagem Keith, Octavia E. Butler não está falando dessas crianças que são vítimas do desprezo dos pais e da falta de apoio social para um crescimento saudável, mas daqueles que mesmo tendo crescido em uma família estruturada e tido uma boa educação, se tornam vítimas de um grupo de marginais já formados que os empurram para a marginalidade como se entrasse em um caminho sem volta.

Lauren, ao oposto de Keith, tem uma profunda preocupação com a comunidade, sempre ocupada em como construir um futuro melhor, onde o coletivo represente o bem maior. Lauren possui uma doença incurável, denominada síndrome de hiper empatia. Essa “doença” provoca uma capacidade incontida de sentir a dor e o prazer do outro. Na distopia de Butler, essa não é uma doença agradável, mas desperta um sentimento escasso na sociedade, como ela mesma diz: “Se todos pudessem sentir a dor do outro quem os torturaria” (BUTLER, 2018 p.144).

A comunidade Semente da Terra vem desse sentimento profundo da importância do coletivo abordado por Butler; Lauren era filha de um pastor batista, porém rejeita os ensinamentos do pai e funda a sua própria ideologia religiosa, com fundamentos próprios da utopia que remetem à necessidade da mudança, quando ela diz: “Tudo o que você toca você muda, tudo o que você muda, muda você, a única verdade perene é a mudança, Deus é a mudança” (BUTLER, 2018, p.12).

Os aspectos religiosos abordados por Butler no romance são apresentados nos fundamentos da comunidade “Semente da Terra”, uma comunidade com responsabilidades coletivas, como proteger as crianças, “as que temos agora e as que teremos no futuro” (BUTLER, 2018, p.398).

Sua ideia não é criar uma nova imagem de Deus, mas aproveitar sua imagem espalhada por todos os lados, fundamentada no princípio de que “Deus é a mudança”. Lauren projeta suas ideias religiosas sem um conjunto de rituais, mas mantém uma posição aberta em relação ao outro e ao mundo. O Deus da Semente da Terra não é um Deus estático, mas um que movimenta para frente sem limites de raça, gênero ou classe, onde todos podem viver juntos sem barreiras para os desejos. Este sentimento representa um importante sentimento utópico apresentado pela obra.

No início da viagem para o norte, Lauren monta uma estratégia para enfrentar a maior de suas fragilidades, que é o fato de ela ser uma mulher, o que constitui uma grande desvantagem ante aos desafios que ela enfrentará:

Eu estava pensando em viajar vestida de homem, disse a ele. [...] –Vai ser mais seguro para você. Pelo menos tem altura suficiente para enganar as pessoas. Mas vai ter que cortar os cabelos.” [...] “– Casais de etnias diferentes enfrentam um inferno, sejam heteros ou gays (BUTLER, 2018, p. 211).

Lauren corta o cabelo e se veste de homem, simulando um casal negro com sua amiga Zara, que tem um amigo branco, chamado Hary. Agora eles seguirão viagem um pouco mais seguros, pois mulheres, especialmente as negras, são tomadas como vítimas para serem escravizadas, e ou usadas como objeto sexual. A obra de Octavia Butler aborda constantemente temas como este: que mostram a figura da mulher negra como uma heroína capaz de vencer os desafios de sobreviver numa sociedade politizada.

Na perspectiva da personagem principal da obra, Lauren Oya Olamina, são apresentados os desafios enfrentados pela mulher negra no mundo, o que configura a luta pelos direitos da mulher. Dessa forma, seus textos “(...) mantêm um engajamento com os textos feministas dos anos 1980 em uma narrativa menos opositiva, mais preocupada em explorar do que eliminar os problemas sociais que envolvem o universo feminino” (MOYLAN, 2016, p.154).

No decorrer da viagem, Lauren foi recrutando pessoas para formar um grupo, que mais tarde seria chamado de “a semente da terra”. Primeiro veio Zahra e Hary, que já eram conhecidos do condomínio onde moravam,; no decorrer da viagem, uma família mista composta por Travis (negro), sua esposa Gloria (espanica) e o filho deles Dominic, um bebê de apenas seis meses de vida,; depois, veio Bankole, um descendente de africanos de 57 anos que seguia sozinho na mesma direção,; posteriormente, eles resgataram duas irmãs presas nos escombros de uma casa que fora derrubada por um terremoto? chamadas Alisson e Gillian Gilchrist de 24 e 25 anos que eram pobres e estavam fugindo de uma vida de prostituição, cujo cafetão era o próprio pai delas. Em uma noite enquanto eles dormiam, uma mulher muito estranha consegue invadir o acampamento dando neles um grande susto, mas que finalmente também fora recrutada juntamente com sua filha de 7 anos de idade; os nomes delas são: Emery Tanaka Solis e Tory Solis; a mulher tinha um pai japonês, uma mãe negra e o marido mexicano:

Era uma mulher. Conseguíamos vê-la melhor agora. Ela tinha a pele negra e cabelos lisos, compridos e despenteados. Era tão escura quanto eu, mas toda cheia de partes pontudas, uma mulher magra, de rosto sério como uma águia, que precisava de umas boas refeições e um bom banho, Ela parecia com muitas pessoas que eu via andando na estrada (BUTLER, 2018, p.349).

No excerto acima, Octavia Butler conseguiu reunir vários universos sociais vitimados pelo preconceito que, imbuídos em um sistema governamental opressivo, retratam uma realidade presente ainda hoje em diversas culturas. O universo de Lauren carrega as marcas da volta às práticas escravocratas e a exploração das minorias raciais na sociedade norte-americana.

Os modos da administração econômica dos Estados Unidos da década de 1990 são caracterizados por um sistema econômico baseado na competitividade e, conseqüentemente, o exercício exploratório das atividades humanas pela apropriação das riquezas provenientes do trabalho e das atividades comerciais que são depositados nos altos centros financeiros da classe executiva. Por sua vez, a classe trabalhadora é penalizada com um menor crescimento econômico do cidadão comum, aumento do endividamento e a perda dos empregos bem remunerados que são substituídos por empregos de meio período com salários mais baixos e corte de benefícios. Com base nas proposições de Tom Moylan et al (2016), pode-se compreender que “esse período também é marcado pela destruição exploratória do meio ambiente que são praticados por corporações sedentas por lucros” (MOYLAN et all 2016, p.137).

Octavia E. Butler abordando o preconceito, a divisão de classes e o racismo no conjunto de conceitos propostos pela *Semente da terra*, sugere que é possível manter a unidade através da aceitação das diferenças e da promoção da harmonia entre os sexos.

A viagem realizada pela comunidade Semente da Terra não tinha um destino certo nem seguro, somente a esperança de que no norte eles poderiam encontrar empregos que pagassem em dinheiro. Inesperadamente, no decorrer do percurso, surge um destino que poderia ser melhor; então, eles decidiram ir viver nas terras de Bankole, um dos membros da comunidade, no condado de Humboldt, na Califórnia.

A viagem é contemplada com terríveis acontecimentos, porém, abre um espaço de discussões filosóficas que é característico da distopia: quando chegam ao destino, eles encontram uma situação de total destruição e morte.

A primeira atividade que eles tiveram de fazer foi a de enterrar os restos mortais da família de Bankole, que vivia lá. Eles também enterraram simbolicamente os mortos de todos os demais, pois cada um deles tinha algum morto que não pôde sepultar. O ato

de enterrar os mortos pode ser visto como uma representação da esperança utópica, uma ânsia por esquecer o passado e estabelecer uma nova busca por um futuro melhor, caracterizado nas distopias da autora:

Thus Butler, despite her stated opposition to utopianism, sees her work as something which fulfills Moylan's definition of utopian fiction as that which generates "figures of hope" which contribute to "the open space of opposition" (MULLER, 1998, p.358).

Assim, Butler, a despeito de seu estado de oposição ao utopismo, vê seu trabalho como algo que, de acordo com a definição de ficção utópica de Moylan, como aquele que gera “figuras de esperança”, que contribui para “um espaço aberto de oposição” (MULLER, 1998, p.358 - tradução nossa).

A escritora Octavia Butler, através da personagem Lauren, (re)cria um espaço utópico dentro de um universo distópico, espaço esse capaz de deixar uma mensagem de esperança que se move para dentro e para frente numa busca capaz frutificar elementos de esperança utópica. O romance se inicia com um pesadelo e transita por ele em suas páginas sem perder o sonho. A personagem Lauren protagoniza a trama com importantes lições. Na narrativa de Butler, não há um final feliz, mas uma conjuntura incerta que carrega a expectativa de um futuro melhor.

Conclusão

O universo ficcional de *A Parábola do Semeador* (2018), escrito pela autora Octavia E. Butler, é caracterizado pelas distopias do século XX; essas distopias foram impulsionadas pelo momento histórico de pessimismo e frustrações decorrentes das guerras promovidas pelos sistemas totalitários e que ganharam força na literatura desse período concebendo uma profunda preocupação com os problemas sociais e os desastres naturais que aterrorizaram o mundo de Lauren.

Devida narrativa tematiza as condições humanas daqueles que vivem em situações de opressão, declarando-as como questões urgentes e dignas de serem abordadas. A negação do sistema, com espaço para as ações humanas na busca de liberdade através da resistência sinaliza a esperança utópica apontada por Lauren através de seus sonhos, seus projetos e sua busca constante pela mudança.

A obra de Octavia E. Butler preconiza, mesmo diante de um cenário pós apocalíptico, a resistência, a esperança e a busca por um horizonte que transcende em cada linha do romance. A narrativa *Parábola do Semeador* (2018), possibilita ao leitor adentrar a percepção de que as costuras sociais nos engendram nos cimentos do presente.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. **A dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- BUTLER, Octavia. **A Parábola do Semeador**. Editora Morro Branco, São Paulo, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **A formação da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- FIDELI, Orlando. **Conceituação, causas e classificação das Utopias**. Monfort Associação Cultural, 1999. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/utopia/> Acesso em: 28/04/2019
- FIKER, Raul, **Ficção Ciência ou uma Épica de Época?** Porto Alegre: L&PM, 1985.
- GREEN, Michelle Erica. **There Goes the Neighborhood': Octavia Butler's Demand for Diversity in Utopias**. In Donawerth and Kolmertem, eds. 166-89. Syracuse, 1994.
- GHIBAUDI, Silvia, **Métodos de Análise da Utopia: MORUS, Utopia e Renascimento**. v.11, n.1, São Paulo, 2016
- HARAWAY, Donna J. **A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century**. Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature. Routledge, 149-81, New York, 1991.
- MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. **Utopias, Distopias e o Jogo da Criação de Mundo**. Ver. UFMG, Belo Horizonte, 2017.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- MILLER, Jim (1998). **Post-apocalyptic hoping: Octavia Butler's dystopian/utopian vision**. *Science Fiction Studies*, v. 25, n. 2, p. 336-360.
- MOYLAN, Tom; CAVALCANTI, Ildney (Ed.); BENÍCIO, Felipe (Ed.). **Distopias: fragmentos de um céu límpido**. Trad. Felipe Benício, Pedro Fortunato e Thayrone Ibsen. Maceió: Edufal, 2016.
- PAVLOVSKI, Evanir, **A Distopia do Indivíduo Sobre Controle**, Curitiba-PR, 2005.

RIBEIRO, Dandara. **Sequestro no Tempo: Gênero, Poder e a Reconstrução da Memória Colonial em Kindred**. Uberlândia-MG, 2018.

SCHIAVINATTO, Iara lins, **Entre Utopias e Distopias: indicações Sobre a Catástrofe**. Revista Morus, Utopias e Renascimento, n. 6, 2009.

SOUSA, Cidoval Moraes, **Um convite a utopia**. Eduepb, Campina Grande, 2016.

TIMES, The New York. **Octavia E. Butler, Science Fiction Writer, Dies at 58**. New York, 2006. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/03/01/books/octavia-e-butler-science-fiction-writer-dies-at-58.html>. Acesso em: 05/04/2020.